



DO SUDÃO AO HAITI: AS GUERRAS E CRISES DE QUE O MUNDO SE ESQUECEU

Apesar do aumento do número de conflitos violentos no mundo, a atenção mediática e política conferida a cada um destes cenários de guerra é profundamente desigual. Vários conflitos e crises prolongadas têm impactos devastadores mas estão praticamente invisibilizados, não existindo uma prioridade de atenção e ação no sentido da sua resolução e da resposta às múltiplas necessidades humanitárias e de paz.

É relativamente consensual que, contrariamente às expectativas, o mundo não se tornou mais pacífico ou estável com o final da Guerra Fria. Pelo contrário, a década de 1990 em diante deu-nos a conhecer um cenário internacional marcado por um crescente número de guerras, sobretudo civis e internas, concentradas maioritariamente no que hoje muitos chamam ‘Sul global’ e frequentemente longas. De acordo com uma recente análise de tendência de conflitos realizada pelo *Peace Research Institute (PRIO)*, os últimos três anos foram os mais violentos das últimas três décadas e 2023 foi mesmo um dos anos mais violentos desde 1989, registando-se um número recorde de 59 conflitos, o que o tornou, igualmente, o ano que registou o maior número de conflitos desde 1946 (PRIO, 2024) (Figura 1).

Apesar destas tendências preocupantes e continuadas, a atenção mediática conferida a cada um destes cenários de guerra e/ou crise é profundamente desigual, num cenário internacional marcado por centenas de conflitos ativos, mas em que o cidadão comum conhecerá apenas alguns deles pela centralidade mediática e política que adquirem. Veja-se o caso da guerra na Ucrânia após a agressão russa em 2022 ou, desde outubro de 2023, a escalada da guerra nos territórios palestinianos ocupados, em particular a Faixa de Gaza, mas também no Líbano. De facto, a atenção está a ser direcionada para conflitos e crises que ou estão geograficamente próximos ou que têm implicações geopolíticas significativas para as agendas de segurança dos países com mais influência no sistema internacional. Como consequência, há todo um conjunto de conflitos e crises mais prolongadas que se tornaram praticamente invisibilizados e para os quais não existe qualquer prioridade de atenção

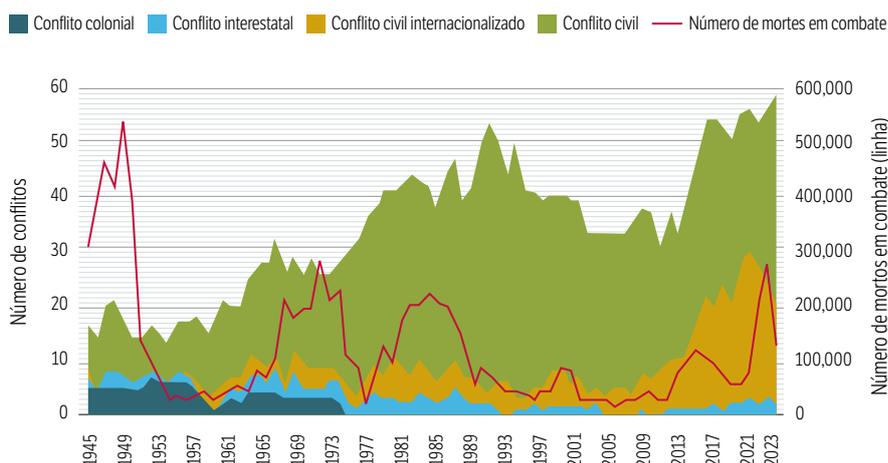
ou ação no sentido da sua resolução. A estas situações tendemos a chamar de crises e conflitos esquecidos, referindo-se a crises humanitárias, situações de guerra ou de instabilidade que recebem pouca ou nenhuma atenção mediática ou política a nível internacional apesar da sua dimensão, complexidade ou impacto devastador. São, frequentemente, situações persistentes e que se perpetuam durante anos ou décadas, afetando milhões de pessoas.

A multiplicação de guerras e, sobretudo, o surgimento de guerras consideradas mais importantes, (...) leva a um declínio da cobertura e atenção conferida a conflitos e crises mais prolongadas e para as quais se considera não haver resposta possível ou sustentável...

Múltiplos conflitos armados violentos, instabilidade e as crises complexas e prolongadas que deles decorrem marcam, de facto, o dia a dia de milhões de pessoas em países como a Líbia, o Haiti, a Síria, o Iémen, o Sudão, o Sudão do Sul, o Afeganistão, o Myanmar, a região do Sahel, mas também a Venezuela ou as Honduras. No Sudão, por exemplo, a guerra é já considerada a mais devastadora do mundo, com 12 milhões de pessoas obrigadas a fugir, mais de metade enfrentando uma grave crise de fome e com registos impressionantes no que diz respeito às taxas de violência sexual contra mulheres e meninas (ICG, 2025). Também no Haiti a situação é insustentável, depois de várias décadas de violência agravada por desastres naturais e, mais recentemente, por novas vagas de instabilidade política e um aumento significativo da ação de gangues violentos que controlam a capital e grande parte do país, apesar da presença internacional de uma missão das Nações Unidas. As disputas violentas por território entre gangues têm tido um impacto direto e devastador sobre a população civil, que

FIGURA 1. TENDÊNCIAS NOS CONFLITOS VIOLENTOS, POR TIPO DE CONFLITO (1946-2023)

Fonte: Peace Research Institute (PRIO).





a partir de 20 de janeiro de 2025, especificamente no que diz respeito a estas várias dinâmicas de conflitualidade e violência, em particular nos contextos menos mediáticos e menos importantes nas agendas geoestratégicas das grandes potências.

Perante este cenário, torna-se relativamente claro que é essencial uma mudança a nível internacional e que se reflita numa maior atenção e compromisso político relativamente a todas as situações de violência e crise humanitária. Tal como sugerem as análises e previsões do *Council on Foreign Relations* no início de 2025, a atenção da comunidade internacional deve ser direcionada não apenas para conflitos aos quais é conferida maior prioridade na agenda de paz e segurança internacionais como nos territórios Palestínianos ocupados ou na Ucrânia e, agora, na Síria, mas também para aqueles que ao longo de décadas se têm prolongado e até agudizado, sem grande capacidade de atrair interesse político ou mesmo visibilidade à escala global, como no Sudão, no Sahel, na República Democrática do Congo ou Haiti, para referir apenas alguns dos muitos conflitos e crises negligenciadas (*Council on Foreign Relations*, 2025) (Figura 2). Lidar com crises e guerras negligenciadas e esquecidas implica uma abordagem multifacetada e que combine várias dimensões de ação, consciencialização e responsabilidade por parte dos vários atores políticos, nacionais e internacionais, de organizações intergovernamentais e não governamentais, dos meios de comunicação e da própria sociedade civil.

Ainda assim, há uma dimensão que assume uma importância particularmente destacada e central, no sentido em que estamos a lidar com dinâmicas de violência direta e estrutural extremamente complexas, enraizadas e profundas. O reforço das respostas internacionais é essencial, nomeadamente por via do reforço da ação multilateral representada por organizações como as Nações Unidas ou por organizações de âmbito mais regional, como a União Africana ou a Organização de Estados Americanos, por exemplo. Tal implica uma maior capacidade de monitorização e de pressão – política, económica ou diplomática – que possa não apenas dar espaço e atenção a estas situações, mas, so-

bretudo, que possa traduzir-se em ação concreta no sentido da sua prevenção e/ou resolução. Ao mesmo tempo, faz sentido sublinhar também a importância de movimentos globais de solidariedade e de pressão que ajudem a promover uma mudança ao nível das narrativas dominantes, as quais alimentam hierarquias morais de guerras e de vítimas, em que aquelas que suscitam menos empatia se tornam duplamente vítimas: da guerra e do esquecimento. ●

Referências

- Council on Foreign Relations* (2025). *Conflicts to Watch in 2025. Preventive Priorities Survey Results*, janeiro de 2025. <https://www.cfr.org/report/conflicts-watch-2025>
- ICG (2025). *Ten conflicts to watch in 2025*. International Crisis Group, Janeiro de 2025. <https://www.crisisgroup.org/global/10-conflicts-watch-2025>
- PRIO (2024). *The most violent year since World War II* (podcast). Peace Research Institute, Oslo. <https://www.prio.org/podcasts/prios-peace-in-a-pod/100>
- Rustad, Siri Aas (2024). *Conflict Trends: A Global Overview, 1946–2023*. PRIO Paper, Peace Research Institute, Oslo. <https://www.prio.org/publications/14006>